

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										<b>As Oficinas de Vidreiros no Mundo Grego em Época Clássica e Helenística</b>	Jan / 2010
labeca		1 de 7									

**NENNA, M.-D.**

**1998. Les ateliers de verriers dans le monde Grec aux époques Classique et Hellénistique. *Topoi*, 8: 693-701.**

**[tradução sem as notas: Julia de A. Vidili; revisão Labeca]**

Não dispomos de nenhum testemunho escrito, sobre a Grécia Clássica e Helenística, que se reporte diretamente aos lugares de produção de vidro e de objetos finais. O termo para vidreiro, ὑαλουργός, aparece pela primeira vez em Estrabão, a propósito dos vidreiros alexandrinos. Já a palavra ὑαλουργεῖον, lugar onde se fabrica vidro ou objetos de vidro, só se encontra no médico Dioscurides no século I de nossa era. A designação das matérias-primas favoráveis à fundição do vidro aparece também pela primeira vez em Estrabão: ὑαλιτικὴ γῆ quando se trata do Egito e ὑαλιτικὸν ἄμμος a propósito da costa Sírio-palestina.

Mesmo dispondo de algumas representações da época imperial que ilustram o sopro do vidro, não possuímos nenhuma representação das técnicas empregadas no período Helenístico. Estrabão toma os termos χωνεῖα χύσις e χεῖσθαι emprestados do vocabulário metalúrgico para precisar a atividade dos vidreiros de Sidon. Χωνεῖα poderia servir para duas atividades: a fusão e a modelagem do vidro. Há a proposta de recorrer à expressão *aliud torno teritur*, que aparece em Plínio, para a forma de recipientes com ranhuras cujas primeiras gerações aparecerão no segundo quarto do I século a.C.

A primeira menção a peças utilitárias em vidro se encontra em Aristófanes em *Acarnenses* (v.74). No fim do séc. V a.C., aparece uma oferenda de vidro no inventário dos tesouros de Atena.

Objetos de vidro aparecem também notoriamente nos inventários do *Asclepieion* de Atenas e nos inventários de Delos, mas nenhuma das menções concernentes a oferendas de vidro permite relacionar um objeto e seu local de produção.

O número de descobertas de oficinas de vidro é pequeno para as épocas clássica e helenística: uma dezena de sítios deixou vestígios.

Pode-se reconhecer a existência de uma oficina de vidreiro pela presença ou coexistência de certos elementos:

- depósito de matéria-prima (no caso areia e fundente), intermediária (resíduos ou material defeituoso associados à fabricação de matéria bruta) ou terminal (blocos de matéria bruta);

	<b>As Oficinas de Vidreiros no Mundo Grego em Época Clássica e Helenística</b>	Jan / 2010
labeca		2 de 7

- presença de um forno (nenhuma descoberta até agora) ou ferramentas (cadinhos, pinças, moldes);
- presença de semi-produtos (fios de vidro, elementos pré-fabricados) e resíduos de fabricação.

Em se tratando de vidro, costuma-se distinguir dois tipos de oficina: as primárias, em que se fabricava a matéria bruta, o vidro em si, e as oficinas secundárias nas quais se dava forma a produtos finais – nas épocas estudadas, frascos de perfume e utilitários, elementos de ornato (contas, pingentes, braceletes) e elementos para incrustação destinados à decoração do mobiliário.

Na ausência desses dois tipos de dados (testemunhos escritos e vestígios arqueológicos) é, como para outros materiais, a concentração de descobertas em uma dada região que é mais frequentemente empregada como indício para localizar oficinas de vidreiros – e conhecemos os limites desse tipo de indício. Se houve progressos reais nos últimos vinte anos no estabelecimento da tipologia dos frascos de perfume e de objetos domésticos de vidro, a localização das oficinas continua ainda em estágio incipiente. Apesar disso pode-se tentar delinear um quadro dos tipos de vidreiro encontrados no mundo grego (tomado aqui em sentido amplo), nas épocas clássica e helenística.

## 1. AS OFICINAS TEMPORÁRIAS

Necessitavam de uma mão-de-obra especializada para uma função bem precisa. O exemplo que vem de pronto ao espírito é o da oficina de Fídias em Olímpia. As escavações mostraram um conjunto de moldes e de elementos de vidro (elementos de drapeado e palmas) que eram destinados a decorar as estátuas do santuário e o mobiliário associado a elas. Poder-se-ia supor que uma oficina do mesmo tipo funcionava em Atenas. no fim do séc. V. se tomarmos por base a decoração dos capitéis do Erecteu e da base da estátua de Nêmesis em Ramnonte com pastilhas de vidro colorido, mas não dispomos de elementos suficientes para sermos categóricos nesse ponto, já que as pastilhas podem ter sido simplesmente importadas.

Outras oficinas ligadas a templos são conhecidas notadamente no Egito, em Ain Manawir (perto de Douch, no oásis de Kharga), na época da primeira dominação persa, em Gumaiyama (a sudoeste de Tânis) e em Tebtynis (no Fayum), no princípio da época helenística. Esses oficinas eram especializados na decoração dos *naói*, baús de madeira destinados ao transporte da divindade,

	<b>As Oficinas de Vidreiros no Mundo Grego em Época Clássica e Helenística</b>	Jan / 2010
labeca		3 de 7

nos quais as paredes eram decoradas com cenas de oferendas em vidro.

Esses vestígios nos provam a existência de artesãos viajantes que trabalhavam sob encomenda e transportavam consigo seus moldes e, muito provavelmente também, a matéria-prima. Essas oficinas eram implantadas, no caso de Olímpia, na proximidade do santuário, no caso dos egípcios, no próprio recinto do templo.

## 2. AS OFICINAS DE VIDRARIA

Um bom exemplo nos é oferecido pelas oficinas de Delos. Em três pontos da ilha, pude identificar depósitos de oficinas pela presença de blocos de matéria-prima, semi-produtos – fios de vidro com ou sem marca de pinça, plaquinhas de vidro monocromo e tubos de vidro, argolas ou plaquinhas de vidro de diversas cores –, e resíduos de fabricação. Esses depósitos estão localizados na própria cidade, nas lojas a oeste da Casa dos Estuques, na área situada a Sul do *Samotrakeion* e no vale alto do Inopos. À vista da natureza dos resíduos, concluir-se-á que se tratam de oficinas de contas e não de artigos domésticos. Não fabricavam o vidro, mas trabalhavam a partir de blocos importados de matéria-prima. Esse tipo de oficina era certamente mais frequente do que costumamos pensar ao confiar apenas nas publicações do Mediterrâneo oriental. Resíduos parecidos com os das oficinas de Delos foram, por exemplo, descobertos sobre o *oppidum* de Entremont, acima de Aix-en-Provence, em Manching perto de Ingolstad, na Grã-Bretanha (Meare Lake village e Hengistbury Head) e as cargas de blocos de matéria-prima encontradas no destroço Sanguinário A ao largo de Ajaccio (400kg de vidro) e no destroço Lequin 2, perto da ilha de Porquerolles, ambas datadas do século III a.C., estão aí para nos indicar que havia certamente na Europa Ocidental oficinas de vidraria que trabalhavam uma matéria-prima importada e produziam contas, braceletes, ornamentos de fíbulas...

## 3. AS OFICINAS DE PRODUÇÃO VARIADA

Esses centros produziam tanto vidraria e louça, quanto elementos de mobiliário e seria conveniente, aqui, distinguir entre os oficinas de difusão regional com uma vida curta e centros de produção que tiveram uma longa duração.

No primeiro grupo, entrará provavelmente a oficina macedônica da qual começamos a perceber a importância. Falo aqui de oficina, embora não se tenha descoberto até hoje nenhum vestígio de oficina propriamente dita: teria sido difícil

	<b>As Oficinas de Vidreiros no Mundo Grego em Época Clássica e Helenística</b>	Jan / 2010
labeca		4 de 7

até o começo dos anos 80, fundamentado unicamente no material descoberto em Derveni ou o do túmulo de Felipe II, ser categórico sobre esse ponto; mas, desde então, a situação evoluiu: os elementos em vidro do escudo de Felipe II ou do mobiliário funerário de sua tumba não estão mais isolados. Reunindo indícios, publicados antiga ou muito recentemente (tumba do Julgamento, próxima a Lefkadia, duas tumbas de Veroia, tumba em Edessa, tumba do bairro de Aghia Paraskevi de Tessalônica, tumba de Sedes e mais recentemente tumbas da necrópole de Aineia e da necrópole ocidental de Pella), nos damos conta de que a decoração dos leitos funerários compreendia muito frequentemente elementos em vidro: placas, palmas, elementos afilados e pastilhas de 2 cm de diâmetro. O conjunto desses elementos sempre é produzido em vidro incolor, assim como as peças de jogo ou os utilitários de inspiração aquemênida – uma dezena de peças publicada hoje em dia –, que são fabricadas com uma matéria-prima de composição idêntica (segundo as indicações de D. Ignatiadou, que trabalha nesse material macedônico). Há fortes chances de que artesãos vidreiros do mundo aquemênida tenham se instalado na Macedônia na segunda metade do séc. IV a.C. A duração do funcionamento dessa oficina não é conhecida: o conjunto das descobertas é, até agora, datado da segunda metade do século IV a.C. e do princípio do séc. III a.C.

Já, há um certo número de anos, houve um acordo para localizar em Rodes um centro de produção para os frascos de perfume modelados a partir de um núcleo, mas as discussões versaram sobre a extensão cronológica dos vasos conhecidos do fim do séc. VI a.C. ao fim do séc. I a.C. Alguns viram uma parada da produção em Rodes no fim do século V a.C. e uma difusão dessa técnica em outras regiões do mundo grego – Macedônia, Alexandria, Itália, Cartago –, depois, na baixa época helenística, Chipre e a costa sírio-palestina. Sem pôr novamente em questão essa possibilidade de difusão da técnica, mesmo se os argumentos apresentados não são sempre convincentes, podemos, hoje, afirmar que a produção desses objetos jamais cessou em Rodes, já que um certo número de resíduos de fabricação bem datados foram identificados, ali, por P. Triandaphyllidis.

Rodes parece se afirmar como um dos centros de produção mais importantes de vidro no mundo grego durante as épocas clássica e helenística. A escavação do terreno Kakoula em plena cidade de Rodes, por G. Davidson Weinberg, mostrou um depósito de oficina de vidreiro datado do fim do século III a.C. com uma importante produção de contas e, provavelmente, também dos *sandwich gold glass*, – vasos de beber com dupla parede de vidro entre as quais

	<b>As Oficinas de Vidreiros no Mundo Grego em Época Clássica e Helenística</b>	Jan / 2010
labeca		5 de 7

se punha uma folha de ouro cinzelado. P. Triandaphyllidis começa a reunir um grupo de peças de uso doméstico de tradição aquemênida, datado do séc. III a.C. Além disso, ele identificou, nos contextos do fim do século II a.C. e princípio do I a.C., vasilhas moldadas monocromas, que ele considera como imitações locais de produções sírio-palestinas. Não dispomos, no momento, de nenhum dado que permita saber onde essas oficinas estavam localizadas – o depósito do terreno Kakoula faz parte de um entulho trazido de outro lugar –, nem de onde provinha a matéria-prima utilizada no curso de um século para esses diferentes tipos de produção.

Vamos terminar com os dois centros de produção tradicionalmente evocados a partir do testemunho de Estrabão, Plínio, o Velho, e Flávio José: a costa sírio-palestina e o Egito.

A fabricação do vidro e, mais particularmente, dos elementos de incrustação que utilizam vidro opaco e, também, elementos policromos pré-fabricados é um artesanato tradicional no Egito, anterior à chegada dos gregos. Prova disso são toda uma série de *naós* ornados com elementos de vidro – o mais antigo data de Amasis –, os sarcófagos de Petosíris e seu irmão (que demonstram a habilidade dos vidreiros egípcios) e as oficinas temporárias das quais falei no começo do capítulo. Entretanto, o renome de Alexandria nas artes vidreiras é, em boa parte, fundamentado em textos do fim da época helenística e seu papel na invenção dos primeiros serviços de mesa em vidro, no fim do séc. III a.C., continua tema de numerosas discussões entre especialistas. Nenhuma descoberta de oficina secundária foi assinalada em Alexandria, mas lembremos que as escavações conduzidas nessa cidade têm ainda como objetivo principal as necrópoles e que os níveis de ocupação helenística da cidade apenas começaram a ser descobertos. Todavia, o artesanato de utilitários em vidro policromo, em mosaico ou *reticelli*, tem a maior chance de ter nascido no Egito e aí se desenvolvido ao longo da época helenística, visto o *savoir-faire* atestado pelas placas de incrustação de repertório egípcio ou grego.

Na costa sírio-palestina, o problema é diferente. Agora está claro para todos que uma revolução do artesanato vidreiro teve lugar nesta região no fim do século II a.C.: aparecem, então, objetos domésticos de vidro translúcido monocromo constituídos essencialmente por vasos para beber moldados e decorados, mais frequentemente com ranhuras, mas também apresentando ornatos de contas, canelados ou cálices vegetais. Não contamos mais esses objetos por unidade, mas por dezenas e centenas de indivíduos. Este grupo é, agora, bem conhecido graças às descobertas de Tell Anafa e de Delos e chega

	<b>As Oficinas de Vidreiros no Mundo Grego em Época Clássica e Helenística</b>	Jan / 2010
labeca		6 de 7

mesmo a aparecer em uma pintura de Delos. Situamos seu lugar de produção na costa sírio-palestina fundamentando-nos sobre os depósitos de oficinas em Jerusalém e na Galiléia, mas ainda não foram fornecidas explicações para a emergência mais que repentina deste grupo. Aqui não há testemunhos óbvios, como no caso egípcio, de uma produção vidreira anterior: ainda se discute quais foram os lugares entre a Fenícia e a Assíria de produção neo-assíria de objetos de vidro translúcido. Por outro lado, o nome de *vidros fenícios* que se dá frequentemente aos frascos de perfume e aos pendentos moldados sobre um núcleo nem sempre é sustentado por descobertas de importância. E, finalmente, não se discute a designação de *utilitários aquemênidas*, mesmo sabendo-se que o império aquemênida não era tão vasto assim. Sem se lançar em uma discussão que não tem fim dado o estado atual da documentação, é conveniente lembrar que assistimos aqui ao estabelecimento de uma indústria vidreira real, com oficinas certamente importantes, cuja produção era objeto de um comércio trans-mediterrâneo como o atesta notavelmente a carga dos destroços do Tradelière.

#### 4. AS OFICINAS PRIMÁRIAS

Sua existência é atestada pelos carregamentos de destroços à simples presença de oficinas temporárias ou oficinas de vidraria. Há, aí, todo um campo de pesquisas que se abre, fundamentadas em prospecções e análises físico-químicas arrazoadas e que ainda é praticamente inexplorado. Tem-se uma boa ideia do que pode ser uma oficina primária com fornos de bacia de plano retangular que produzem, a cada fornada, oito toneladas de vidro que, em seguida, era triturado, sendo o próprio forno destruído após cada fornada. Mas essa ideia se fundamenta nas descobertas da época romana tardia, como no caso dos fornos de Bet' Eli'eze em Israel, ou dos fornos ainda mal datados das oficinas primárias de Mareotida e do Wadi Natrun, a respeito das quais eu trabalho atualmente em colaboração com M. Picon e M. Vichy. A localização dessas oficinas primárias está associada à proximidade das matérias-primas: na região sírio-palestina, na proximidade do embocadouro do rio Bélus, cuja areia tem características bem particulares que dão sua assinatura ao vidro sírio-palestino; no Egito, na proximidade de fontes de natro (carbonato de sódio), sejam as do Wadi Natrun ou as do lago Mariout.

Mesmo se, no momento, nenhuma descoberta pode ser datada da época clássica ou helenística, pode-se postular sem grande risco, fundamentando-nos nas análises físico-químicas dos recipientes moldados monocromos, que a

	<b>As Oficinas de Vidreiros no Mundo Grego em Época Clássica e Helenística</b>	Jan / 2010
labeca		7 de 7

implantação de oficinas primárias era semelhante na área sírio-palestina durante a baixa época helenística. Em relação ao Egito, não podemos ser tão afirmativos, dada a falta de análises de produções egípcias da época clássica e helenística. Análises estão atualmente em curso no laboratório do museu de Tessalônica, sobre os vidros da Macedônia, no laboratório do museu de Atenas sobre os vidros de Rodes e no laboratório de ceramologia de Lyon sobre os blocos de matéria-prima no carregamento de destroços. Seria bem útil agir assim no caso dos utilitários ditos aquemênidas.

Ao lado desse problema de localização de oficinas primárias, que não está senão muito parcialmente resolvido, seria necessário também interrogarmos sobre o volume de produção a partir da matéria-prima. É bastante claro, se julgamos pela medida da importância numérica dos objetos prontos na época clássica, baixa época helenística e época imperial, que a quantidade de matéria-prima em jogo não tem nada a ver e seria necessário procurar indícios que permitissem determinar o momento no qual se passou do emprego do cadinho para a fusão do vidro (atestado por exemplo em Tell el-Amarna, no destroço do Ulu-Burun ou nas tabuinhas cuneiformes mesopotâmicas) ao forno de bacia, que permite produzir quantidades de vidro bem mais relevantes em uma única fornada. O sarcófago de vidro de Alexandre,  $\pi\upsilon\acute{\epsilon}\lambda\omicron\varsigma \acute{\upsilon}\alpha\lambda\acute{\iota}\nu\eta$  que substituiu o sarcófago de ouro roubado por Ptolomeu XI, seria um primeiro elemento. Os 400 kg de vidro bruto do destroço Sanguinário A, datado do século III a.C., poderiam ser um segundo.

Marie-Dominique NENNA  
 Institut Fernand Courby UMR 5649  
 Maison de l'Orient méditerranéen